



Prof.: Rafael
Data: 13/06/19

MODOS DE PRODUÇÃO

As relações sociais são pautadas, entre outras coisas, pela satisfação das necessidades (básicas ou supérfluas) dos indivíduos que garante assim a própria existência ou dignidade humana. Historicamente, o ser humano se reaciona com seus semelhantes e com o meio natural para satisfazer tais necessidades.

A essas relações humanas com o objetivo de satisfazer tais necessidades damos o nome de MODOS DE PRODUÇÃO.

Alguns desses modos de produção podem existir ao mesmo tempo em uma determinada sociedade, ou podem ocorrer em lugares e épocas diferentes. O modo de produção comunal primitivo, por exemplo, surgiu nos primeiros tempos da humanidade e pode ser observado ainda hoje, com algumas modificações, entre os povos indígenas não-aculturados do Brasil e entre os aborígenes da Austrália.

Da mesma forma, o modo de produção escravista predominou na Grécia antiga e ressurgiu – embora em circunstâncias históricas e econômicas diferentes, sob a forma de escravismo colonial – no Brasil e em outros países da América entre os séculos XVI e XIX.

Modo de produção comunal primitivo

Inicialmente, os seres humanos viviam em grupos nômades e dependiam exclusivamente dos recursos naturais da região em que o grupo se encontrava. Sobreviviam graças à coleta e ao extrativismo: caçavam animais para se alimentar e utilizar a pele deles para se proteger do frio, pescavam e coletavam frutos e raízes.

Por volta de 10.000 a.C., a espécie humana começou a cultivar a terra, produzindo cereais, verduras, legumes e frutos. Passou também a criar alguns tipos de animais. Quando isso aconteceu, as pessoas deixaram de ser nômades e passaram a se fixar em determinadas regiões, isto é, tornaram-se sedentárias.

Assim, desde tempos remotos o ser humano tem transformado a natureza para produzir bens que satisfaçam suas necessidades básicas, aumentam seu grau de segurança e proporcionem conforto.

A comunidade primitiva foi a primeira forma de organização humana. Ela existiu em diversas partes da Terra há dezenas de milhares de anos. Ainda hoje, na África, na Austrália, no Brasil, encontramos tribos com esse tipo de organização.

Na comunidade primitiva, as pessoas trabalhavam em conjunto. A terra era o principal meio de produção. Tanto ela quanto os frutos do trabalho eram propriedade coletiva, comunal, isto é, de todos.

Não existia ainda a ideia de propriedade privada dos meios de produção, portanto não havia a oposição entre proprietários e trabalhadores. As relações de produção eram relações de cooperação, baseadas na propriedade coletiva dos meios de produção.

Modo de produção escravista

Na sociedade escravista, os meios de produção (terras e instrumentos de produção) e os escravos eram propriedade do senhor. O escravo era considerado um instrumento, um objeto, como um animal ou uma ferramenta.

Assim, no modo de produção escravista, as relações de produção eram relações de domínio e de sujeição. Um pequeno número de senhores explorava a massa de escravos, que não tinha nenhum direito.

Os senhores eram proprietários dos portadores da força de trabalho (os escravos), dos meios de produção (terras, minas, oficinas artesanais, instrumentos de produção) e do produto do trabalho.

No sistema primitivo, como vimos, a terra e os bens eram de propriedade coletiva, não existia dominação de um grupo social por outro. Portanto, não havia necessidade de mecanismo de controle – polícia, exército ou governo. Não existia então o que conhecemos como Estado.

Já o modo escravista, por sua própria natureza, exigia um controle rígido dos escravos dominados e regras para regular a ordem social. Foi necessário, portanto, que surgisse o Estado para garantir o interesse dos senhores.

O modo de produção escravista caracteriza duas importantes sociedades: a grega e a romana da Antiguidade clássica.

A economia escravista era basicamente agrária. Mas tanto na Grécia quanto na Roma antiga o poder, o exercício da política, o comércio, o conhecimento, a escrita, o teatro e todas as artes floresceram nas cidades.

Na Grécia antiga, os cidadãos livres elaboravam teorias avançadas, como a da democracia, criavam sistemas filosóficos complexos, conquistavam formidáveis progressos na matemática e na astronomia; construíam templos, monumentos, teatros; escreviam peças teatrais que são encenadas até hoje.

Tudo isso era financiado pelo trabalho escravo no campo. A cidade não era local de produção, exceto para escravos domésticos e para o pequeno artesanato.

Aliás, o trabalho manual era ostensivamente desprezado pela cultura grega. Platão (c. 428-348 a.C.), um dos principais filósofos de todos os tempos, afirmava: “É próprio de um homem bem nascido desprezar o trabalho. (...) O trabalho humano permanece alheio a qualquer valor humano e, em certos aspectos, parece mesmo a antítese do que seja essencial ao homem”.

A sociedade romana repetiu esse modelo. Nos dois casos e, mais ainda no de Roma, foi preciso manter uma enorme máquina de guerra, invadir e conquistar muitos povos, a fim de conseguir mais escravos e riquezas.

Modo de produção feudal

O modo de produção feudal predominou na Europa ocidental entre o século V e o século XVI. Em alguns casos, prolongou-se até o século XVIII ou mesmo XIX.

Nem todos os países europeus experimentaram o feudalismo como modo de produção dominante: é o caso das cidades-Estados italianas (Veneza, Florença e outras voltadas para o comércio) e da península Ibérica (Portugal e Espanha), que passou quase toda a Idade Média sob o domínio muçulmano.

A sociedade feudal estruturou-se sobre a divisão entre senhores e servos. As relações de produção no feudalismo baseavam-se na propriedade do senhor sobre a terra e no trabalho agrícola do servo.

Os servos não vivam como os escravos: eles tinham o direito de cultivar um pedaço de terra cedido pelo senhor, sendo obrigados, em troca, a pagar-lhe impostos, rendas, e ainda a trabalhar nas terras do senhor sem nada receber. O servo tinha direito ao usufruto da terra, mas não podia comprá-la ou vendê-la.

Como sua primeira obrigação era cultivar as terras do senhor, o servo tinha pouco tempo disponível para trabalhar para si mesmo.

Outra diferença importante entre o servo e o escravo é que o escravo era propriedade do senhor, que podia vendê-lo, alugá-lo, emprestá-lo e até libertá-lo, se quisesse. Com o senhor de servos isso não ocorria: o servo, na condição de pessoa, não era propriedade de seu senhor, mas estava ligado ao lote de terra no qual trabalhava. Caso o senhor vendesse esse lote a outra pessoa, esta era obrigada a manter o servo na propriedade.

A economia feudal, como escravista, se baseava no campo. Só que, nesse sistema, cidades tinham pouca importância. Os



proprietários dos meios de produção – nobres e bispos – mantinham-se em seus feudos, tinham seus próprios exércitos e gozavam de considerável independência política em relação ao rei.

Na fase final de sua existência, o feudalismo europeu começou a ser corroído por vários fatores, entre os quais guerras prolongadas e epidemias, como a Guerra dos Cem anos, entre a França e a Inglaterra (1337-1453), e a Peste Negra, que matou um terço da população europeia no século XIV.

Na verdade, essa desagregação começou com o surgimento de novos processos econômicos, como o renascimento do comércio (que quase havia desaparecido durante a Idade Média), a partir do século XI. Igualmente importante foi o renascimento urbano, com a expansão dos centros já existentes, o aparecimento de novas cidades e o incremento da produção manufatureira para atender às necessidades crescentes da população urbana.

Esses processos deram origem a uma nova classe social – a burguesia mercantil -, cujos interesses entraram em choque com os privilégios da nobreza e com algumas características centrais do modo feudal de produção.

Ao mesmo tempo, o comércio e a produção manufatureira, em franco desenvolvimento, exigiam um número crescente de trabalhadores livres, assim como uma maior quantidade de produtos agrícolas para alimentar a população urbana. Atraídos pelo progresso das novas cidades, os servos começaram a abandonar suas antigas aldeias feudais. O campo, por sua vez, tornava-se intranquilo, com a eclosão de sucessivas revoltas camponesas.

Com o tempo, a burguesia mercantil começou a entrar e rota de colisão com a dominação feudal.

Aliás, a partir do século XII, a palavra mercador e a expressão burgensis (aquele que vive na cidade ou “burgo”) eram empregadas como se fossem sinônimos.

À medida que o comércio crescia, as populações urbanas procuravam estabelecer seus próprios tribunais, suas próprias leis, seus próprios sistemas de impostos. Precisavam de um novo tipo de sociedade. Dessa forma, estava em gestação, no próprio interior do modo feudal de produção, uma nova forma de organização produtiva: o modo capitalista de produção.

Modos de produção pré-capitalistas

Quando definimos uma sociedade a partir de seu modo de produção, não estamos dizendo que ele é único, e sim que é mais importante. Assim, numa sociedade feudal podemos encontrar trabalho escravo e algumas práticas capitalistas, como trabalho assalariado, mas o sistema econômico dominante é o modo feudal de produção.

Os modos de produção não são modelos mecânicos e rígidos, que se adaptam em maior ou menor grau a determinadas sociedades. Na verdade, eles surgem historicamente sem jamais se desligarem da sociedade com todos os elementos que a compõem.

Modos de produção Capitalistas

O que caracteriza o modo de produção capitalista são as relações assalariadas de produção (trabalho assalariado) e a propriedade privada dos meios de produção pela burguesia. A forma burguesa substitui a forma feudal de propriedade, assim como o trabalho assalariado passou a ocupar o lugar do trabalho servil, que caracterizava o feudalismo.

Sob o capitalismo, a burguesia possui as fábricas, os centros comerciais, as grandes lojas, os meios de transporte, as terras, os bancos etc. Em uma palavra, ela é proprietária dos meios de produção (fábricas e terras) e de circulação das riquezas (casas comerciais, bancos etc.).

Ao contrário do que ocorria no feudalismo, quando o servo estava ligado à terra, no capitalismo o trabalhador não é obrigado a ficar sempre na mesma propriedade rural ou na mesma empresa urbana. Ele é livre para se empregar onde quiser, desde que o capitalista o aceite como empregado.

Na sociedade feudal, a produção estava voltada para a satisfação das necessidades imediatas das pessoas. Não se

produzia tendo em vista o comércio e o lucro. Durante um longo período da Idade Média europeia, o comércio quase deixou de existir. A Igreja, por sua vez, condenava o lucro.

Na sociedade capitalista, ao contrário, o desenvolvimento da produção é movido pelo desejo de lucro. É para aumentar seus rendimentos que os capitalistas procuram expandir a produção e baixar seus custos. Para isso, recorrem a aperfeiçoamentos técnicos constantes, à exigência de maior produtividade dos operários, a uma maior racionalização do processo de produção, ou ainda à combinação de todos esses processos. O texto “Como surgiu o capitalismo”, explica como se deu o processo de formação do modo capitalista de produção.

OBS: As atividades e resoluções de exercícios estarão nos slides apresentados na sala. Compareça para poder participar e tirar as dúvidas... Abraços... Bons estudos!!!

FONTES:

Modos de produção: a história da transformação da sociedade. Disponível em: <https://www.buscaescolar.com/sociologia/modos-de-producao-a-historia-da-transformacao-da-sociedade/>

Modos de produção. Disponível em: <https://conceitos.com/modo-de-producao/>

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o Ensino Médio** — 2. ed. — São Paulo: Saraiva, 2010 – Unidade 2: Trabalho e sociedade.

